ANC 88
Pasta 21 a 25
março/87
042

ANC pág 4.

FOLHA DE S. PAULO 23 MAR 1987

# Sarney pede urgência na definição do mandato

Da Sucursal de Brasília

O presidente José Sarney, 56, voltou a pedir ontem urgência na definição do tempo de seu mandato pelo Congresso constituinte, durante curta entrevista na Base Aérea de Brasília, às 17h45, ao retornar de São Paulo. "Sob o ponto de vista interno e também externo, não podemos ficar muito tempo nessa indecisão", afirmou. Em conversas informais, o presidente tem afirmado que a definição de seu mandato é fundamental para que o país negocie um novo acordo sobre a dívida externa.

"A duração do mandato do presidente da República não deve ocupar o espaço maior da Assembléia Nacional Constituinte. Ela tem uma responsabilidade histórica muito importante e não pode ficar se ocupando fundamentalmente de um problema circunstancial", reclamou Sarney, confirmando que tem solicitado às lideranças do PMDB e do PFL que apressem a definição dessa questão.

O presidente afirmou que qualquer que seja a duração de seu mandato, a ser fixada pelo Congresso constituinte e pelos partidos que apóiam o governo, ele cumprirá "com o mesmo espírito público que tenho procurado cumprir meu mandato". Disse que sua disposição de aceitar qualquer decisão do Congresso constituinte sobre seu mandato mostra que ele não tem "ambição de poder" e acrescentou que tem pedido aos líderes do PMDB e PFL para encaminhar rapidamente a discussão e votação desse problema "dentro do capítulo das disposições transitórias".

# Ordem Econômica deve ficar com conservadores

Da Sucursal de Brasília

Os parlamentares que adotam posições ideológicas de direita e centro-direita devem obter a maioria na Comissão da Ordem Econômica, que vai definir, na futura Constituição, o princípio da propriedade e as normas que vão reger, entre outras questões, as reformas agrárias e urbana. A **Folha** apurou que, embora o PMDB tenha 34 dos 63 membros, os peemedebistas da ala conservadora do partido apresentaram maior número de inscrições e, aliados ao PFL, PDS, PDC e PL, devem fazer a maioria.

O assunto está preocupando as lideranças do PMDB no Congresso constituinte, Câmara e Senado, que neste fim-de-semana trabalharam na distribuição dos peemedebistas nas comissões. Assim como a maior parte das pretensões indicadas como primeira opção para a Comissão da Ordem Econômica é dos constituintes mais à direita, os chamados "progressistas" do PMDB inflacionaram a Comissão de Ordem Social. As duas são consideradas as mais importantes, depois da de Sistematização que vai elaborar o projeto final da Constituição.

A Comissão de Ordem Econômica deve ser presidida pelo senador Albano Franco (PMDB-SE). Pela situação criada, a candidatura do senador Severo Gomes (PMDB-SP) à vaga de relator (mais importante que a de presidente) pode estar ameaçada dentro do próprio PMDB que, como partido majoritário, deve ficar com o cargo.

Até amanhã, o líder do PMDB no Congresso constituinte, senador Mário Covas (SP), deve ter a lista dos peemedebistas que irão integrar as nove comissões de trabalho, sempre na proporção de 34 num total de 63 membros. Covas já conseguiu resolver o preenchimento das vagas de seis comissões. O excesso de indicações para as de Ordem Econômica e Ordem Social vai forçar a liderança a transferir para as bancadas estaduais a responsabildiade pela escolha dos constituintes que vão representá-las nessas duas comissões. Na quarta-feira, deve haver a eleição dos cargos da Mesa do Congresso constituinte e, em seguida, as eleições para presidente, vice e relator das comissões e subcomissões. Ao todo, são quarenta os cargos de maior importância.

### Vice-presidência

Prosseguia ontem o impasse entre o PMDB e o PFL na disputa pelo cargo de 1º vice-presidente do Congresso constituinte. Os líderes do PFL na Câmara, José Lourenço, e no Senado, Carlos Chiarelli, foram ontem à casa do presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, para cobrar o cumprimento de um acordo que, segundo afirmam, foi feito entre os líderes dos dois partidos antes da eleição de Mário Covas para a liderança do PMDB. Por esse acordo, o cargo ficaria com o PFL, que assim indicaria o substituto eventual de Ulysses na presidência do Congresso constituinte. O líder do PMDB na Câmara, Luiz Henrique, nega a existência desse acordo.

Ao saírem da casa de Ulysses, às 19h10, Chiarelli e Lourenço afirmaram que Ulysses prometeu lutar pela manutenção da Aliança Democrática e estimular o diálogo entre eles e o senador Mário Covas. Covas, por sua vez, ao sair de um almoço na casa do ministro Renato Archer, disse que o PMDB não abre mão da 1ª vice-presidência do Congrsso constituinte. A mesma posição foi assumida pelos coordenadores das bancadas peemedebistas em nove Estados, que se reuniram com Covas ontem de manhã.

# Ulysses impede a modernização do programa do PMDB, afirma Richa

**ALEXANDRE POLESI**
Enviado especial a Brasília

*O deputado federal Ulysses Guimarães (SP) é hoje o maior "obstáculo" à modernização e atualização do programa e da ação do partido. A crítica é do senador José Richa (PMDB-PR), 52, um dos líderes do movimento para que Ulysses se licencie da presidência do PMDB durante os trabalhos do Congresso constituinte.*

*Para Richa, é "impossível" Ulysses desempenhar bem suas funções acumulando a presidência do partido com a presidência da Constituinte e da Câmara dos Deputados (o que o torna também, constitucionalmente, vice-presidente da República). Ulysses deve licenciar-se temporariamente da presidência do PMDB, segundo o senador.*

*Só assim, "sem amarras e sem peias", o partido poderá "encontrar-se consigo mesmo e voltar a seu leito original", de onde teria saído desde 1985, segundo Richa. Poderá, então, cobrar mais eficiência do governo. Se necessário "com substituição daqueles que estão no comando". Para Richa, se o governo não promover logo "um ajustamento na economia", o país mergulhará numa recessão, "com consequências sociais graves".*

*Richa foi o principal articulador da candidatura do senador Mário Covas (PMDB-SP) à liderança do partido na Constituinte. Com a vitória de Covas, tornou-se o mais forte adversário de Ulysses na corrida que indicará o candidato do partido a presidente da República. Por isso, procura evitar confronto direto com Ulysses. Critica seu adversário com eufemismos e circunlóquios.*

*Ex-governador do Paraná, cargo que deixou no ano passado para se candidatar a senador, Richa deu esta entrevista exclusiva à Folha às 8h30 de sábado, em Brasília. Pouco depois, seguiria para o Rio de Janeiro e, daí, para os Estados Unidos, onde ficará doze dias, a convite do governo americano. Com o deputado federal Fernando Coelho (PMDB-PE), participará das comemorações do bicentenário da Constituição americana.*

Banco de Dados

Senador José Richa (PMDB-PR)

**Folha — Quais serão as consequências da vitória de Mário Covas, na eleição para a liderança do PMDB na Constituinte?**

**Richa** — A nação, que confiou no PMDB dando-lhe a maioria, espera que o PMDB cumpra agora com seu dever de lutar para que a população brasileira veja satisfeitas suas aspirações. Estas aspirações são uma Constituinte consolidando a democracia, promovendo os avanços sociais; ao mesmo tempo, um PMDB que possa atuar em outras frentes. Por exemplo, a questão econômica. A gente sente que precisa haver um ajustamento na economia, sob pena de, daqui a pouco, estarmos mergulhados numa recessão com consequências sociais bastante graves. Essa é a tarefa do PMDB, e é importante que o PMDB esteja sem amarras, sem peias, entusiasmado, embora o desafio seja imenso. O que precisava o PMDB? Encontrar-se consigo mesmo, voltar a seu leito original.

**Folha — Significa, então, a volta do perfil que o partido tinha antes de chegar ao poder?**

**Richa** — Perfeito. Houve um evento importante que foi a passagem do PMDB de oposição para governo. Acontece que desde a eleição para presidente da República (em 1985, quando José Sarney substituiu Tancredo Neves, vitorioso no Colégio Eleitoral) o PMDB nunca mais se reuniu. O PMDB se encolheu, parece-me que a vitória assustou o PMDB. Os componentes do partido passaram a não ter um balizamento para seu comportamento. As questões importantes foram pipocando todo o dia e o partido, exatamente por não se reunir, por não debater, dava a impressão de que estava desunido, que ninguém falava a mesma linguagem. A população que votou no PMDB tinha a impressão de que o partido não estava se entendendo. E não era nada disso. Se você reunir o partido para discutir o mandato do presidente Sarney, a conjuntura econômica, as taxas de juros, garanto que 70% a 80% pensam da mesma maneira.

**Folha — O PMDB quer voltar a ser o "partido da sociedade"?**

**Richar** — Acho que sim. Fui um dos primeiros a achar, quando Tancredo ainda era vivo e logo depois da eleição dele, que era preciso que o partido se atualizasse, modernizasse seu programa. Era preciso que tivéssemos um esboço de projeto de Constituição que representasse não só a média dos peemedebistas mas a média da opinião pública brasileira. Não tivemos nada disso. Então chegou um determinado momento em que a gente identificou na Executiva, na direção nacional do partido, um obstáculo para que a gente pudesse realizar um pensamento desse tipo, que era da tradição histórica do PMDB.

**Folha — Por que o deputado Ulysses teria amarrado o partido, como o senhor diz?**

**Richa** — Vamos deixar a análise de nomes de lado, vamos nos concentrar em teses. O que importa é que cada um de nós tem que cumprir seu papel. Se a direção nacional não estiver cumprindo aquilo que a gente sabe que é a opinião da maioria dos companheiros, então temos o dever de lealdade de dizer aquilo que a gente pensa, propondo alternativas.

**Folha — Ulysses Guimarães, porém, declarou na última sexta-feira que não quer afastar-se da presidência do partido. O que acontecerá, então?**

**Richa** — Infelizmente, a questão está colocada nas mãos dele. Ele se licencia se quiser. Nenhum de nós tem objeções à qualificação do dr. Ulysses para ser presidente do partido. O que a gente coloca é que é preciso haver mais disponibilidade. O partido é um corpo com muitos braços —no Senado, na Câmara, nos governos estaduais e federal e assim por diante. Com tantos braços para a ação nacional orientar, é preciso que ela tenha mais disponibilidade de tempo. Na medida em que o dr. Ulysses acumulou a presidência da Câmara —portanto, a vice-presidência da República— mais a presidência da Constituinte e a presidência do partido, você há de convir que é uma tarefa impossível tudo isso ser bem gerenciado por uma só pessoa.

**Folha — O senhor já declarou que não quer substituir Ulysses Guimarães na presidência do PMDB. E Mário Covas, ele poderia ser o presidente?**

**Richa** — Neste instante, não. A liderança na Constituinte vai lhe tomar todo o tempo. Por isso é que sou contra a ida dele para a presidência do PMDB.

**Folha — O senhor propõe que o PMDB seja mais independente do governo?**

**Richa** — Acho que o partido é o instrumento permanente de nossa ação política, enquanto que todos os nossos demais cargos e posições são transitórios. O partido é a coisa mais importante, é o instrumento que temos de preservar a qualquer custo. Se um partido com as responsabilidades de governo que o PMDB tem for mal, quem vai pagar as consequências é a população brasileira.

**Folha — O governo terá, então, que se adequar às diretrizes do partido?**

**Richa** — Perfeito. Veja bem, a Constituinte é coisa isolada e independente do governo. Câmara e Senado, não. Temos responsabilidades com o governo e devemos assumi-las. Como constituinte, sou independente do governo. Vou cumprir uma tarefa partidária que o povo me outorgou para elaborar um documento permanente, que signifique um novo pacto social. Como senador, tenho vínculos com o governo. É por isso que quero não só assumir essa responsabilidade mas também contribuir para melhorar o governo.

**Folha — O partido deve formular um plano econômico alternativo para o governo?**

**Richa** — O partido tem que ter diretrizes gerais. Um projeto econômico para resolver um problema conjuntural não é tarefa do partido. É tarefa do governo, e cabe ao partido cobrar do governo. O governo tem seu instrumental técnico, vive seu dia-a-dia e portanto sabe o que fazer. Se não souber, cabe ao partido pedir a substituição daqueles que estão no comando.

**Folha — O ministro Dilson Funaro (Fazenda) atende, hoje, à expectativa do PMDB?**

**Richa** — Cabe ao presidente da República avaliar. Eu pessoalmente acho o ministro Dilson Funaro um homem bem-intencionado, trabalhador, inteligente, sério. Ele tem carisma e já está mais ou menos enfronhado. É muito difícil substituir um ministro só porque o país enfrenta conjunturalmente dificuldades econômicas. Se for substituído, o dano vai ser ainda maior. O importante é a gente ajudá-lo (a Funaro) a montar um plano, já que o Plano Cruzado não deu inteiramente certo, e mantê-lo.

**Folha — O que o senhor achou da moratória decretada pelo governo?**

**Richa** — Não havia outra alternativa. Para meu gosto, iria um pouco além. Teria feito a suspensão do pagamento dos juros da dívida há muito mais tempo. Também teria feito uma auditoria nessa dívida. Ninguém sabe como e quando esses recursos foram aplicados. O Brasil nunca teve um controle muito eficiente de sua dívida externa.

**Folha — Qual sua posição sobre o tamanho do mandato do presidente Sarney?**

**Richa** — Essa é uma questão irrelevante e, ao mesmo tempo, emocional e polêmica. A Constituinte deve fixar, primeiro, o mandato dos próximos presidentes. Debater agora a duração do mandato do presidente Sarney seria desviar a atenção das questões principais para uma questão acessória. Para os próximos presidentes, sou a favor de mandato de quatro anos, para poder haver coincidência com a eleição dos deputados federais e senadores.

**Folha — Mas o próprio presidente pediu uma definição rápida de seu mandato.**

**Richa** — Dizem que seria para facilitar a negociação internacional da dívida. Não acho esse argumento relevante. Quem deve não é o presidente da República. Quem deve é o Brasil, seja Sarney presidente, seja outro. Acho que para a comunidade financeira internacional o que importa é saber se as instituições democráticas estão estáveis e fortes. Quem é o presidente não importa.

**Folha — O senhor confirma que é "presidenciável"?**

**Richa** — Bom, "presidenciável" acho que todos são, desde que gozem de seus direitos políticos e sejam eleitores. Mas não me considero candidato e, mais importante, não desejo ser candidato.

**Folha — O senhor é parlamentarista ou presidencialista?**

**Richa** — O parlamentarismo pressupõe alguns pré-requisitos, como Congresso forte e partidos fortes, que o Brasil no momento não tem. Então, a partir de agora, eu defenderia o presidencialismo. Mas nada impede que possamos colocar na Constituição o parlamentarismo para vigorar daqui a oito ou dez anos. Isso eu toparia.

# *Moreira espera opinar no caso de haver reforma*

Da Sucursal do Rio

O governador do Rio, Wellington Moreira Franco (PMDB), 42, disse ontem, às 16h, que deverá ser chamado a Brasília, para uma "avaliação do assunto", caso o presidente José Sarney decida realizar uma reforma ministerial. Ele voltou a afirmar que o Estado do Rio precisa ocupar mais espaços na área federal, junto aos centros que "decidem sobre a liberação de verbas para investimentos na área social".

Moreira reafirmou que a reforma do ministério "é de atribuição exclusiva do presidente da República". Por isso, não quis opiniar se deve haver ou não renúncia coletiva dos ministros e quando devem ser feitas as modificações no ministério. Sobre o acúmulo de funções por parte do deputado Ulysses Guimarães (SP) —presidente do PMDB, da Câmara e do Congresso constituinte— e sobre as sugestões para que Ulysses se licencie da presidência do partido, Moreira declarou: "Não tenho acompanhado o assunto, mas acho que Ulysses tem tarimba e traquejo suficientes para saber ele próprio o que vai resolver".

## *Chineses vêm negociar caça supersônico*

Membros do Ministério da Construção Aeronáutica da República Popular da China chegam hoje ao Rio para uma visita de dez dias ao Brasil para estabelecer um intercâmbio militar-tecnológico. Chineses e brasileiros pretender trocar, entre si, aeronaves e armamentos por produtos de uso civil. O Brasil está interessado em adquirir os caças supersônicos F-7M "Airguard"; os chineses querem radares para aeroportos, vagões, locomotivas, caminhões, computadores, equipamentos agrícolas e estruturas metálicas.

## *Aproximação PFL-PDS*

O ministro da Educação, Jorge Bornhausen, disse em Florianópolis (SC) que seu partido, o PFL, já iniciou articulações para se reaproximar do PDS, do qual se originou. Ele acredita que, após a promulgação da nova Constituição e o término do governo Sarney, a Aliança Democrática deixará de existir.

## *Bete vê "avanço da direita"*

A secretaria estadual de Cultura de São Paulo, Bete Mendes, 37, que participou sábado à noite de debate no "Circo da Constituinte", em Curitiba (PR), disse que o veto à peça "Teledeum", o livro "Rompendo o Silêncio", do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o reaparecimento do ex-presidente João Baptista Figueiredo no noticiário e a intervenção das Forças Armadas nas greves dos porturários e petroleiros representam "um avanço da direita" no país.

## *PT contra 'Nova República'*

O presidente regional do PT no Rio Grande do Sul, Clovis Ilgenfritz da Silva, 48, anunciou ontem, em Porto Alegre (RS), que o partido lançará nos próximos dias, a nível nacional, uma campanha contra o presidente José Sarney e o pagamento da dívida externa e a favor de eleições diretas para a Presidência da República.

## *"Marajás" de Sergipe*

O presidente da Câmara Municipal de Aracaju (SE), vereador Luís Corrêa Alves, 46, disse, anteontem, que há cinco funcionários que recebem salários entre Cz$ 35 mil e Cz$ 100 mil naquela Casa. Alves afirmou que está procurando os instrumentos legais para impedir essa situação.

## *Bispo defende Boff*

O bispo de Propriá (SE), d. José Brandão de Castro, 67, disse que apesar de ainda não ter lido o livro "A Trindade, a Sociedade e a Libertação", do teólogo e frei franciscano Leonardo Boff, o recomenda aos que se interessam pela teologia.